

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS-
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS DA PROMOÇÃO DA
IGUALDADE RACIAL NA ESCOLA**

Israel Matos Pereira

COMBATE AO RACISMO NA ESCOLA

Belo Horizonte

2016

Israel Matos Pereira

COMBATE AO RACISMO NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Cláudia Elizabete dos Santos

Belo Horizonte

2016

Israel Matos Pereira

COMBATE AO RACISMO NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Cláudia Elizabete dos Santos

Aprovado em..... de março de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Cláudia Elizabete dos Santos

Professora Dra Shirley Aparecida Miranda - Faculdade de Educação da UFMG

AGRADECIMENTOS

Resumo

Este estudo considera que não há como negar a prática da discriminação racial dentro das escolas, em contrapartida destaca a frequente postura de gestores e docentes que tentam naturalizar a presença de ações e discursos discriminatórios nas escolas. Precisamos avançar e assumir ações que ultrapassem discursos que pregam a igualdade entre os indivíduos. Afinal, estas posturas pouco efetivas tendem a deixar os estudantes desmotivados devido a ausência de ações e propostas pedagógicas mais efetivas no espaço escolar. As propostas de implantação da temática étnico-racial descritas neste estudo e desenvolvido em duas escolas públicas do ensino fundamental, uma estadual e outra municipal, demonstraram que o apoio da gestão durante o desenvolvimento das propostas pedagógicas serve como suporte para a ampliação das ações e também para longevidade dos projetos. Caso contrário, manteremos a dinâmica da responsabilização de uma figura central nas escolas para garantir aos estudantes o direito de terem acesso ao ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas do nosso país.

Palavras-chave: Escola; Racismo; Negro; Ensino Fundamental; EJA.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 A discriminação racial no cotidiano escolar	12
1.2 A discriminação racial e as famílias	13
2. OBJETIVOS	14
2.1 Objetivos Gerais	14
2.2 Objetivos Específicos	14
3. JUSTIFICATIVA	15
4. METODOLOGIA	16
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
6. REFERÊNCIAS	23
ANEXOS:	25

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo visa o debate do cotidiano escolar, abordando os comportamentos dos jovens negros e brancos, alunos do fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na intenção de refletir sobre práticas desenvolvidas na desconstrução do racismo, preconceito e discriminação racial na escola Estadual Rui Barbosa de ensino Fundamental, no centro da cidade de Pedro Leopoldo e na escola Municipal Herculano Liberato de Almeida que tem turmas de EJA na periferia da cidade de Lagoa Santa.

Cabe lembrar que o desenvolvimento de propostas pedagógicas nas escolas fortalecem a discussão sobre o negro ao longo da História do Brasil vem sendo estigmatizado, desde o início da formação da sociedade brasileira até os dias atuais, devido também à fomentação historiográfica ter sido construída em prol do eurocentrismo.

Compete aos profissionais da educação identificar as circunstâncias de racismo na sala de aula, procurando minimizar seus efeitos mostrando que todos somos seres humanos e merecemos respeito. Nas escolas devemos estar atentos quanto à postura dos gestores e docentes em combater o racismo na escola e também analisar a reação e envolvimento das famílias durante o processo de implementação das práticas antirracistas nas escolas.

Ao analisar minha histórica de vida me dei conta que ainda muito cedo me deparei com os reflexos da pouca aceitação da diferença em nossa sociedade. Como cidadão brasileiro negro classificado como pardo, nascido em uma família numerosa do nordeste brasileiro. Eu sou o 1º filho de um casal de lavradores que moram no interior da Bahia, em nossa família o acesso à educação foi uma insistência da minha mãe que apesar de não ter aprofundado nos estudos tinha nos seus propósitos, o intuito de garantir o acesso a uma educação escolarizada para cada um dos seus filhos.

Em 1983 concluí o 2º grau na escola pública, o Centro Educacional Diocleciano Barbosa de Castro na cidade de Jacobina, município baiano criado em 1722. Mais tarde, me desloquei para a Capital baiana com objetivo de continuar os estudos. Por três vezes tentei vestibular para cursar Agronomia, mas

naquela época havia critérios de seleção de cotas que favoreciam os filhos dos fazendeiros, fato que tornava a concorrência muito desleal para os que competiam em condições similares as minhas. Cabe lembrar que o país passava por uma instabilidade econômica que resultou em uma grande recessão.

Optei por tentar o vestibular na Escola de Engenharia Eletromecânica na Bahia para cursar Eletrotécnica, o qual foi concluído no ano de 1988, no ano de 2007 foi meu regresso à escola cursando administração de empresas pela Faculdade Vasco da Gama que não foi concluído em função de remanejamento de localidade. Na ocasião fui aconselhado pelo médico que me acompanhava em mudar de atividades devido às limitações de saúde provocadas pela coluna cervical. Após concluir o curso de eletrotécnica trabalhava com centrais telefônicas de grande porte, e ficava muito tempo sentado ou agachado e que me causava dores insuportáveis. Foi quando resolvi cursar matemática e trabalhar com educação.

A oportunidade de conhecer o Programa Ações Afirmativas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi um despertar para muitos horizontes que antes me passava despercebido. Os meus primeiros contatos com o programa foram através da plataforma UAB - Universidade Aberta do Brasil. Percebi que em muitos momentos de alguma forma eu conseguia dar visibilidade a temas relacionados a diferença e desigualdades, porém a minha entrada na formação da EPPIR me garantiu o acesso a orientações riquíssimas e o acesso a um marco teórico amplo.

Durante os vários encontros e reflexões com os professores e demais cursistas da Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola (EPPIR) dialogamos sobre conceitos como racismo, preconceito e discriminação no Brasil e podemos refletir sobre a importância destes conceitos serem discutidos com veemência em todo âmbito social, principalmente nas escolas.

Segundo Neves (2002, p.16) temos um modelo de educação pensado por brancos e para brancos, totalmente alheio à realidade de quase metade da população brasileira. É preciso que se construa um modelo de educação que respeite a tradição deste povo, que observe sua cultura e a relação com as práticas educativas existentes. Portanto se faz necessário buscar parcerias entre

escola e família, pilares de sustentação de uma gestão democrática.

As práticas de racismo continuam presentes, um dos motivos a serem apontados, é o legado histórico da discriminação para com os negros, relacionados às analogias escravistas que ocorridas no passado e são ainda presentes. As ações e discursos racistas, por vezes, impossibilitam ou dificultam a entrada permanência e sucesso de vários indivíduos na escola. Segundo Oliveira (2007) diversas pessoas que sofrem com o preconceito e/ou discriminação racial acabam não tendo uma educação de qualidade, pois ainda existem escolas em que é visto diferenciação dos alunos negros por parte de educadores e até dos próprios estudantes.

O racismo é uma ação resultante da aversão, por vezes do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial visível por meio de sinais, como por exemplo: cor da pele ou tipo de cabelo. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) o racismo é um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores, é também resultado da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira.

De acordo com Cavalleiro (2000) as diferenças de fenótipo entre negros e brancos são entendidos como desigualdades naturais. Crianças brancas revelam situações e apresentam atitudes preconceituosas e discriminatórias como xingamentos, ofensas, brigas, apelidos e outros. Essas situações discriminatórias são frequentes e ocorrem no decorrer da aula na presença de professores e que eles muitas vezes não coíbem, demonstrando, assim, a necessidade de uma ação pedagógica. Muitas vezes, os professores relatam não saber lidar com a situação.

Devemos concordar que a falta de investimento na formação docente inicial ou continuada dos profissionais da educação, e as posturas de naturalização diante as ações e discursos racistas e preconceituosos, faz com que assuntos relacionados à diversidade e diferença na escola tenham pouca visibilidade.

Segundo Souza (1983) a construção da identidade do sujeito depende, em grande parte da situação que ele cria, a aparência é o cartão de visita do indivíduo, o corpo é a representação, é a imagem ou enunciado identificatório que

o sujeito tem de si, estão baseados na experiência de dor, prazer ou desprazer que o corpo obriga-lhe sentir ou pensar. Numa análise panorâmica e básica do indivíduo, nos mostra que o sujeito ao repudiar a sua cor, repudia radicalmente a sua personalidade, o seu corpo.

Para Oliveira (2007), o racismo é considerado uma mazela histórica, na qual a raiz de amargura se encontra na própria natureza humana. É notório que os atos de preconceitos referidos acima trazem aos alunos negros a auto-rejeição, o aumento de baixa autoestima, dificuldades no processo ensino aprendizagem, rejeição da própria personalidade, além do baixo rendimento e participação na sala de aula.

Uma afirmação positiva a uma pessoa é enobrecedor, é excêntrico e preciso levanta a autoestima, a dignidade da pessoa humana. Moysés (2007) considera que o sentimento de valor que acompanha essa percepção que temos de nós próprios se constitui na nossa autoestima. Ou seja, ela é a resposta no plano afetivo de um processo originado no plano cognitivo. É a avaliação daquilo que sabemos a nosso respeito: gosto de ser assim ou não.

Considero que o negro em sua maioria é bastante atuante e defensor das ações de ensino que possibilitem conhecer, discutir, lutar e combater o preconceito racial. Para o diplomata e historiador Alberto Costa e Silva (2007), apesar de maltratados e humilhados pela escravidão os africanos construíram a nação brasileira e sua história e deve ser contada e refletida. Neste sentido, a Lei 10.639/03 garante aos alunos o direito de conhecerem concepções e interpretações acerca da história do Brasil, da História da África e dos afrodescendentes, para identificar lutas, resistências e conquistas no Brasil.

A exploração Europeia no Brasil e as estratégias de escravização do negro deixaram cicatrizes profundas, que no decorrer do tempo se evidenciam impedindo a ascensão do negro principalmente em função da sua exploração e a não aceitação do branco como posseiro da ordem mundial.

Infelizmente no Brasil e outras partes do mundo, o negro ainda é visto como detentor de maus costumes. O texto *O corpo negro habita a zona da morte*, de Jaime Amparo Alves (2014), pesquisador, especialista sobre as a questão racial nas Américas e militante do movimento negro brasileiro, revela sua indignação pela forma cruel e racista que os jovens negros há muito anos são

vítimas¹.

Hesitei em escrever sobre o assassinato de Michael Brown, em Ferguson, no estado do Missouri, no último dia 9 de agosto. Não há nada de novo nas imagens televisivas de um jovem negro de 18 anos abatido a tiros nas ruas de uma cidade onde quer que seja. Afinal, enquanto Brown era assassinado em Ferguson, no sul do continente outros jovens negros encontravam a morte nas mãos da polícia militar. Do outro lado do Atlântico, a comunidade negra lembrava o Massacre de Marikana, quando em 16 de agosto de 2012 a polícia sul-africana assassinou 34 trabalhadores negros que protestavam por melhores salários. Estas e tantas outras mortes que ainda virão são a reiteração de uma “verdade racial”. (ALVES, 2014)

Ao refletir os debates promovidos nas escolas sobre a temática étnico-racial, podemos perceber algumas reações corriqueiras durante as abordagens protagonizam a questão racismo. Dentre elas, atitudes de professores, na sua maioria brancos/as que inclusive saem da sala dos professores quando o tema sobre relações étnico-raciais é abordado ou que se negam a emitir opiniões sobre a temática. Estas atitudes tão presentes em nosso cotidiano sinalizam o quanto temos que avançar em relação ao tema.

Em sala de aula percebemos pouco embasamento dos alunos sobre a temática étnico-racial. Mesmo assim é possível verificar diferenças no comportamento dos alunos conforme a escola que estudam. Se a escola tem um público mais elitizado a questão da não aceitação às diferenças e os programas sociais do governo é mais evidente.

Deduzo que a educação capitalista contribui muito para o reforço da disparidade antagônica das classes, sendo os negros, os desprovidos de recursos e os empurrados para o “submundo”. Tal qual como os sovietos, regiões onde não existia a estrutura mínima para que os cidadãos negros pudessem ter uma vida realmente digna.

O desenvolvimento do trabalho do curso do Programa Ações Afirmativas reforça e apresenta argumentos para a insistência das militâncias na busca de resgatar e registrar historicamente a trajetória, no combate ao racismo.

A discussão da temática étnico-racial em escolas de educação básica

¹ <http://www.ceert.org.br/noticias/violencia-seguranca/5103/racismo-nos-eua-no-brasil-e-no-mundo-o-corpo-negro-habita-a-zona-da-morte>

permite que docentes gestores e demais profissionais da educação tenham acesso a uma proposta curricular que resgata a nossa história, através da valorização da história e cultura afro-brasileira e africana. Uma educação que valoriza a cultura popular em um país diverso como o Brasil permite que crianças, jovens e adultos ampliem seu conhecimento sobre as incomensuráveis contribuições de personalidades negras brasileiras, dentre elas: Quintino de Lacerda, Santos Garraão, Teresa Quariterê, além dos voluntários da pátria, Zumbi, Rui Barbosa, que juntamente com outros líderes derramaram sangue e suor pela nossa pátria durante um sofrido processo em busca da independência dos negros.

Uma das finalidades da escola é a formação do aluno para o exercício de cidadania, para que consiga aprender e aplicar seus conhecimentos ao longo da vida. Conforme as Diretrizes de Bases e das Diretrizes Curriculares Nacionais (1996) ato de desenvolver a cidadania é um dos principais objetivos que norteia o trabalho pedagógico, e por isso, a escola procura buscar o desenvolvimento de competências e habilidades que permitam compreender as diferenças da nossa sociedade.

Para Coelho (2008), o entendimento deste desenvolvimento de cidadania também significa a capacitação para saber avaliar o sentido do mundo em que se vive, os processos sociais e o papel de cada um nesses processos.

1.1 A discriminação racial no cotidiano escolar

Os alunos negros geralmente são vítimas de “brincadeiras de mau gosto” e recebem apelidos pejorativos relacionados à cor da pele ou textura do cabelo e até mesmo o meio onde vive, atualmente, na sociedade a discriminação assume várias formas, vai de manifestações explícitas de violência e intolerância a ações camufladas de segregação. Com isso, falsos valores são criados para justificar a atitude racista, valores esses que se expandem no inconsciente coletivo da população, produzindo desta maneira, uma geração de pessoas preconceituosas e indiferentes a essa realidade de marginalização. Certamente o preconceito racial é a ideia preconcebida de intolerância e aversão de uma raça em relação à

outra, sem razão objetiva ou refletida. Geralmente, o preconceito vem acompanhado de uma atitude discriminatória (LOPES, 2006).

Segundo Pinho (2004), os alunos negros nem sempre ouvem calados as provocações. Reagem para brigas e a repressão da equipe gestora recai sempre sobre eles. Até mesmo quando não são vítimas acabam por serem considerados os responsáveis pelas agressões sofridas.

Segundo o Referencial curricular nacional para a educação infantil as escolas devem ser ambientes que possam oferecer e trabalhar todos os materiais para que, através da observação, comparação, classificação e reflexão, as crianças, adolescentes e jovens, possam descobrir a importância da cultura, o seu histórico cultural, das manifestações, crenças, procurando se apropriar e construir conhecimentos importantes para a própria vivência social (RECNEI – BRASIL, 1998). O que indica é que as crianças negras recebem menos cuidado, afeto e atenção. A escola brasileira deve conhecer e vivenciar a diversidade de seus alunos, não permitindo apenas que a escola seja um instrumento de transformação de conhecimentos, mas também um instrumento de crescimento cultural, de descoberta de experiências étnico-raciais.

1.2 A discriminação racial e as famílias

A família também é essencial no acompanhamento escolar dos filhos nas questões relacionadas à discriminação. Muitas vezes, quando a criança chega comentar com a família sobre uma situação de racismo, os pais dão pouca importância ou nem acreditam, isso acaba gerando um mal-estar na criança.

Na escola Estadual Rui Barbosa de ensino fundamental, tivemos um aluno negro do Ensino, que todos os dias apanhava dos colegas e ao procurar os pais para dividir o sofrimento foi classificado como polêmico pela própria mãe. Tomado ciência do fato na escola chamamos a mãe e após ser orientada, verificou o filho tinha marcas de hematomas pelo corpo, foi quando tomou providências cabíveis junto à polícia, com corpo delito, laudo médico e em seguida solicitou reunião de Pais na escola. Cabe frisar que só depois que a mãe chega com laudo médico à escola é que a mesma tomou conhecimento da veracidade do caso.

Cotidianamente, o racismo assume várias formas na sociedade, vai desde manifestações explícitas de violência e intolerância à ações camufladas de segregação.

A família precisam desenvolver uma melhor escuta em relação às queixas dos filhos/as. Assim, quando a criança chegar a comentar com a família sobre uma situação de racismo, os pais deixarão de dar pouca importância à queixas.

Nas escolas podemos observar que algumas crianças negras não se relacionam com as crianças negras por identificarem como sujas. Referencial curricular nacional para a educação infantil (1998) o trabalho sobre o racismo deve começar cedo na família e na educação infantil, através do entendimento da identidade e equidade racial da criança, focando na diversidade cultural e ética.

Faz-se necessário que as escolas incorporem nos currículos a partir da pré-escola, práticas e metodologias possibilitando a construção de um sentimento de identificação, que regaste a história dos negros, sua herança africana e sua importância na formação do Brasil (BRASIL, 2004). Assim, jovens e crianças devem reproduzir e recriar, em sua experiência cotidiana, na vida familiar e nas celebrações grupais, os valores que são passados de geração a geração.

2. OBJETIVOS

2.1 - OBJETIVO GERAL

Discutir a presença da discriminação racial no cotidiano escolar, focando situações de preconceito vivenciadas por jovens negros/as na intenção de propor um diálogo que encoraje a escola a adotar práticas pedagógicas permanentes.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Resgatar a história da diversidade cultural brasileira como fonte motivacional do processo de ensino e aprendizagem.
- Estabelecer critérios e normas de trabalho que dialogue com o Projeto Político pedagógico e que resulte na aplicação do estudo do ensino e da história e cultura Afro brasileira na escola, conforme orienta a Lei 10.639/03.
- Garantir momentos na escola que favoreçam momentos da construção da identidade do aluno e valorização do patrimônio histórico-cultural brasileiro;

3. JUSTIFICATIVA

Desenvolver esta temática se justifica devido à urgência de tratar um assunto que merece ser discutido nas escolas com e por docentes, alunos, famílias e demais membros da comunidade escolar tendo como intenção minimizar a presença do racismo nas escolas, e em outros âmbitos da sociedade. O racismo é um mal que tem propiciado consequências nocivas no processo de ensino-aprendizagem de alunos e que, por vezes, acabam sendo vítimas de pessoas de outros grupos étnicos que se consideram superiores, e cometem a injúria social² denominada racismo.

Sendo a escola precursora do processo de transformação da sociedade, lhe cabe a responsabilidade propiciar momentos de reflexões sobre as tradições africanas no redimensionamento da escola tradicional, entender que o racismo está presente no cotidiano escolar, nas falas dos alunos, nas omissões dos professores. E na medida em que essa realidade vai sendo ignorada, a discriminação silenciosa vai ganhando força e oprimindo ainda mais os alunos principalmente negros que são os mais afetados (OLIVEIRA, 2007)

As diversas circunstâncias de discriminação e preconceito verificadas no dia a dia na sala de aula apontam a necessidade de buscar explicações. Não é fácil lidar ou encontrar respostas claras e diretas para entender tais situações, ou entender a complexidade que envolve este tema, mas elas podem fornecer experiências e esclarecimentos que ajudarão a melhorar o trabalho no cotidiano escolar. De acordo com o sociólogo Cardoso (2005) não há preconceito racial que resista à luz do conhecimento e do estudo objetivo. Neste, como em tantos outros assuntos, o saber é a melhor escolha.

Segundo Oliveira (2007), o segregacionismo é considerado uma doença histórica, na qual sua raiz se encontra na própria natureza humana. Atualmente, na sociedade ele assume várias formas, que variam de manifestações explícitas de violência às intolerâncias e ações camufladas. É de responsabilidade do Estado resguardar o direito das manifestações culturais de grupos que representam as culturas populares, indígenas e afro-brasileiras. A escola como base da educação deverá assumir no seu projeto pedagógico a responsabilidade

² A injúria qualificada, por sua vez, tem previsão no artigo [140, § 3º](#) do [Código Penal](#), e ocorre quando há utilização de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência, com pena de reclusão de 1 a 3 anos, além de multa.

de capacitar docentes e demais membros da comunidade escolar tendo com um dos seus objetivos de cumprir e fazer cumprir o que determina a lei 10639/03.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. (Munanga, 2005, p15).

O segregacionismo escolar precisa ser erradicado, e para isso, se faz necessário além da capacitação dos professores, incorporar, 'não filosoficamente com pequenos projetos comemorativos para passagem da semana da consciência negra', mas com o comprometimento de cada um (direção, professores, alunos e famílias) no intuito de que os mesmos possam programar supervisionar e avaliar o encaminhamento das propostas metodológicas capazes de propiciar aos alunos o entendimento, a compreensão, a sensibilização e sentimentos dos martirizados que fizeram sua historia chegar até aqui. Independente das diferenças étnico-raciais, o individuo "ser" faz parte de apenas uma "raça" – a raça humana. Por conseguinte os indivíduos devem cumprir seus deveres e merecem os mesmos direitos, dentre eles, o de ser livres, inclusive de manifestações/comportamento de racismo, que propiciam consequências negativas no processo de ensino-aprendizagem, bem como em sua socialização.

4. METODOLOGIA

No decorrer de 18 meses observei as práticas docentes relacionadas a uma educação antirracista na Escola Estadual Rui Barbosa, localizada em Pedro Leopoldo com alunos do ensino fundamental 7º e 8º ano e na escola Municipal Herculano Liberato de Almeida que tem turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), embora os públicos sejam diferenciados, as práticas pedagógicas adotadas contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho com levantamento de dados que serão apresentados.

A primeira escola, Escola Estadual Rui Barbosa, no centro da cidade de Pedro Leopoldo apresenta um público de alunos de melhores condições sociais, apesar de uma média de 60% negros. A segunda instituição é a escola Municipal Herculano Liberato de Almeida, está localizada em um bairro residencial de baixa renda, o Aeronautas, periferia da cidade de Lagoa Santa. No terceiro turno a escola atende alunos de diversas faixas etárias, porém atualmente o público majoritário é composto por adolescentes negros (média de 75 a 80 %).

O trabalho apesar da resistência de alguns professores, foi desenvolvido em quatro dias, no primeiro dia com apresentação do Professor Wellington de História falando da trajetória do negro no Brasil.

O segundo dia com a professora Heliana do 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos abordou a religiosidade Africana.

No terceiro dia eu Israel, professor de matemática fiquei responsável em abordar um tema motivacional, ao longo dos meses e através das conversas com alunos organizei um Power point com o título *Mudando a minha matemática*. No evento houve a participação dos alunos na confecção de murais, pintura de cartazes, recital de poesias relacionadas com o tema, apresentação de acrósticos da música *A carne mais barata do Brasil é a carne negra*.

Tivemos total apoio da Direção escolar que fez o fechamento no 4º dia com as famílias dos alunos, distribuição de comidas típicas apresentação de capoeira por um grupo de capoeira de Belo Horizonte a convite da professora Heliana.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004) garantir o exercício desse direito é forjar um novo modo de desenvolvimento com inclusão e é um desafio que impõe ao campo da educação decisões inovadoras. A escola como mecanismo de transformação impõe a este o direito de uma nova história e um novo conceito de dignidade, de

certo que a educação constitui-se um dos principais mecanismos de transformação de um povo.

A ação na escola Estadual Rui Barbosa foi restrita a algumas turmas, apesar de ter apresentado um projeto para ser desenvolvido na semana da consciência negra, em toda escola, não contei com adesão da gestão, de alguns colegas e demais membros da comunidade escolar, como desejava.

Mesmo assim, pesquisamos e expomos cartazes confeccionados com ajuda dos alunos que expuseram: a frequência de negros na escola nos dias atuais, a incidência dos negros no mercado de trabalho e as relações salariais entre homens e mulheres brancos e negros.

Eu juntamente com outros colegas percebemos que o fato desta escola ter um público de melhor poder aquisitivo, tanto alunos como professores apresentaram pouco interesse maior incidência características de preconceitos e não aceitação de diferenças.

O retorno pouco satisfatório do coletivo da escola demonstra que a educação brasileira tem como desdobramento a lógica da história Europeia, ou seja, após rápida referência às sociedades antigas, como a egípcia e a mesopotâmica, os alunos eram levados a ver a sociedade ocidental, desde a conformação do mundo Greco-romano, na Europa como a matriz cultural brasileira.

As atividades desenvolvidas na Semana da Consciência Negra na escola de ensino fundamental, Rui Barbosa foram as seguintes:

Português

Os alunos fizeram a leitura de dois textos sobre o preconceito racial, um texto de autoria do historiador Jaime Pinsky com o título "*Serviço de negro*", o segundo sendo uma entrevista com a filósofa negra Sueli Carneiro com o título de "*Uma guerreira contra racismo*".

Após a leitura foram propostas atividades de compreensão do texto, com o objetivo de levar os alunos a refletirem sobre o preconceito racial. Em seguida foram orientados a fazer uma produção de texto com o tema: Preconceito Racial.

Matemática

Os alunos fizeram uma leitura de um gráfico comparativo de salários de brancos e negros onde se mostra que os negros ganham menos em quase todas as profissões, para que possam refletir sobre a questão do número de presos e a incidência de negros, de escolaridade em curso superior, os cargos de chefia nas empresas, nos bancos e empresas de valores comparando aos cargos de baixo escalão. Desenvolvida a questão de forma reflexiva: Há motivos para os negros sentirem discriminados no Brasil? Por quê?

Arte

Procurou-se desenvolver um trabalho sobre a valorização das tradições da cultura afro-brasileira e a sua imagem como negro (religiosidades afro-brasileiras).

Interdisciplinar: Ensino Religioso, onde os alunos confeccionaram murais e cartazes destacando o tema destacando a importância da culinária afrodescendente deixada na cultura brasileira. Os estudantes fizeram uma apresentação onde comentaram o processo de criação dos cartazes, o aprendizado gerado, além de mencionarem os aspectos políticos, sociais, gastronômicos, e religiosos. Os estudantes também desenvolveram um trabalho destacando as pessoas negras na sociedade, alguns famosos, e a importância da dança e da música africana e indígena, produzida nos mais variados estilos dos quais somos influenciados o tempo todo, e como eles são influenciados por nós.

Para que a cultura permaneça temos que conhecer sua história e respeitá-la assim como queremos ser respeitados.

Todas as atividades foram trabalhadas em cartazes formando um grande mural destacando os temas citados.

Ensino religioso e história

Estudo das religiões afro-brasileiras e dos reinos africanos, na intenção que os

estudantes entendam a herança de África na história do Brasil. Os estudantes com a ajuda da professora confeccionaram cartazes e os colaram na escolar.

História

Valorizar a cultura e o trabalho do negro na construção do país.

Forma de Avaliação: trabalho em sala de aula.

Utilizou-se o tema “Questão escravista no Brasil Imperial”.

Foram explorados os preconceitos arraigados em nossa cultura desde então, salientando a contribuição da cultura afrodescendente no Brasil, em forma de pesquisa e apresentação, como também, dentro do contexto de denominação dos países desenvolvidos economicamente sobre as economias menos desenvolvidas, analisando o preconceito racial em diversas sociedades, bem como as personalidades que lutaram por igualdade racial.

Inglês

Procurou-se objetivar um personagem de Zumbi, e a partir desse, discutiu-se quem ele foi e sua importância.

A professora contou a história “O segredo das tranças”, do livro “O segredo das tranças e outras histórias africanas”, também já havia sido trabalhado nas descrições de pessoas, imagens de várias pessoas negras foram mostradas e os alunos, a princípio ficaram inibidos para escrever “black people” querendo usar a palavra “brown” Assim foi exposto que o preconceito é velado.

Foi realizada também, a Leitura do texto “Kenya – uma potência animal” com explanação de fotos e vídeos e explicações sobre a África.

Fazendo comparações das contradições entre o sul e o norte da África e a segregação racial ocorrida nos Estados Unidos da América.

As atividades foram divididas por séries e disciplinas realizou-se um encerramento a Carter com comidas típicas feitas pelos alunos na cantina da escola.

No decorrer da semana foram desenvolvidas oficinas de penteados afros, cortes de cabelo, vestimentas e indumentárias a caráter.

Considero que a questão racial na escola é assunto de todos e deve ser dirigida para a reeducação das relações entre descendentes de africanos, de europeus e de todos os povos. Só assim haverá a consideração, a necessidade de valorização e do respeito ao afrodescendente e a sua cultura dentro da escola.

De acordo com Rocha (2008) ao introduzir os conteúdos relativos à cultura afro brasileira e à história da África, a Lei 10.639/03 desarticula a perspectiva adotada até em tão, mas evidencia a representação do Brasil sobre sua formação, transformado em conteúdo didático.

É importante que a escola promova uma discussão que favoreça a implantação de atividades propostas para a concretização dos objetivos educativos, a Lei nº 10.639/03 preconiza a História e Cultura Afro e precisam ser discutidas em todas as disciplinas e não apenas nas disciplinas de História, Arte, Literatura. Precisamos envolver os demais profissionais inseridos direta ou indiretamente no ambiente escolar. O coordenador, orientador escolar, gestor; secretária, psicólogo, enfim todos os atores que compõem o funcionamento escolar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É utópico afirmar que o Brasil vive uma diversidade cultural, é notório que a sociedade brasileira ainda não se sinta preparada para lidar com certas situações de racismo que segundo a acepção do “Dicionário Aurélio”, é “a doutrina que

sustenta a superioridade de certas raças” (2004, p. 616). É comum a comunidade escolar envolver-se em práticas discriminatórias, segregando os diferentes da sociedade, com ofensas verbais e físicas.

Carvalho (1997, p. 181-182) explana sobre o etnocentrismo educacional:

A Educação e as organizações educativas são instrumentos culturais desse colonialismo cognitivo: é o etnocentrismo pedagógico e o correlato psico-cultural do “furor pedagógico”, uma gestão escolar autoritária e impositiva para nivelar as diferenças das culturas grupais por meio do planejamento. O etnocentrismo consiste na dimensão ético-política da mesma problemática cuja dimensão psico-antropológica envolve a Sombra ou o Inconsciente.

É através da Educação que a herança social de um povo é legada às gerações futuras e inscrita na História. É uma conquista não só dos afrodescendentes, mas de toda a sociedade civil e, em especial do Movimento Negro, que ao longo do século XX, apontam para a necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da História e Cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a Educação para Relações Étnico- Raciais positivas.

A partir da intervenção feita na escola estadual Rui Barbosa e na escola Municipal Herculano Liberato podemos compreender a necessidade alavancar medidas que fossem eficazes no auxílio à melhoria emergencial desta realidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e

Diversidade. 2005.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana. Brasília: SECAD/ME, 2004.

CARVALHO, José Carlos de Paula. Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. *Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v. 1 p. 181-182, ago. 1997.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação. São Paulo: Contexto, 2000.

COELHO, Maria Inês de Matos; Vinte anos de avaliação da educação básica no Brasil: aprendizagens e desafios. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 59, p. 229-258, abr./jun. 2008.

LOPES, Vera Neusa. Racismo, preconceito e discriminação: procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos. In: *Superando o racismo na escola*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade. 2005.

MOYSÉS, Lucia. *A autoestima se constrói passo a passo*. São Paulo: Papyrus, 2001.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: MUNANGA, K. (org.). *Superando o Racismo na escola*. 2ª Ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NEVES, Yasmim Poltronieri. **Algumas Considerações sobre o Negro e o Currículo**. In: Série Pensamento Negro em Educação. Vol. 2. Segunda edição. Florianópolis: Atilênde (Núcleo de Estudos Negros), 2002.

OLIVEIRA, José Reinaldo. *Educação e racismo: conhecendo as contradições do passado para construir a escola do futuro*. 2007. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/1363_952.pdf. Acesso em: 19 dez 2011.

PINHO, Vilma Aparecida. Relações raciais no cotidiano escolar: percepções de professores de educação física sobre alunos negros. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

ROCHA L.C. As relações étnicos – raciais, A cultura afro-brasileira e o Projeto Político-Pedagógico. Currículo, Relações Raciais e Cultura Afro-Brasileira. Brasília: MEC 2008a v20, p50-56.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro, Rio de Janeiro: Graal, 1983.

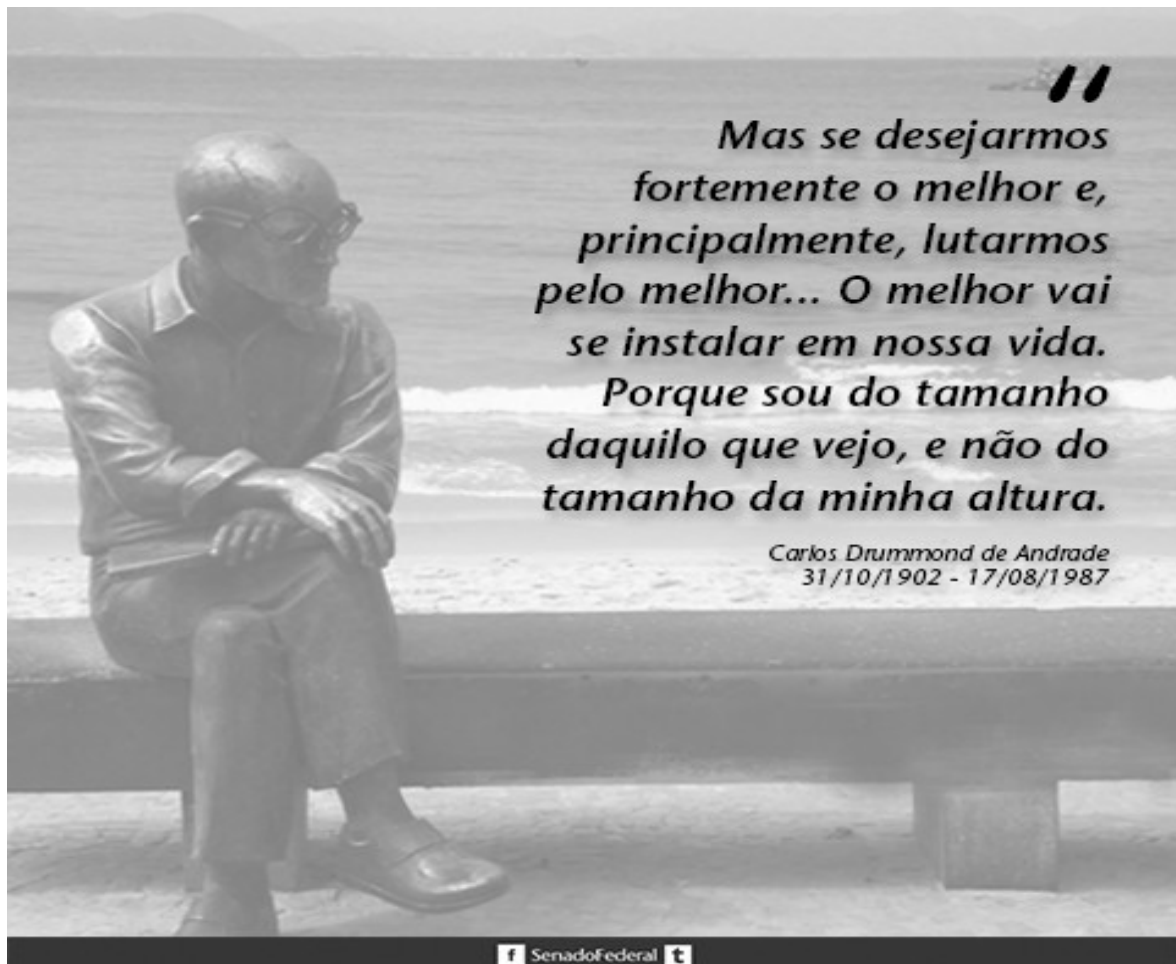
SITES

www.ebc.com.br/.../alberto-costa-e-silva-fala-sobre-a-historia-da-africa-a...

www.ceert.org.br/.../racismo-nos-eua-no-brasil-e-no-mundo-o-corpo-ne.

ANEXOS

Mudando a minha matemática



Qual o tamanho do seu sonho?

Qual o tamanho do seu sonho?

Qual o tamanho do seu sonho?

Qual o tamanho do seu sonho?

Qual o tamanho do seu sonho?

Qual o tamanho do seu sonho?

Qual o tamanho do seu sonho?

Qual o tamanho do seu sonho?

Seja um empreendedor

s o n h e !

Transforme suas dificuldades

em oportunidades

Sem sonhos, as pedras do

caminho se tornam

insuportáveis,

As pedras do caminho se

tornam montanhas;

Os fracassos se transformam

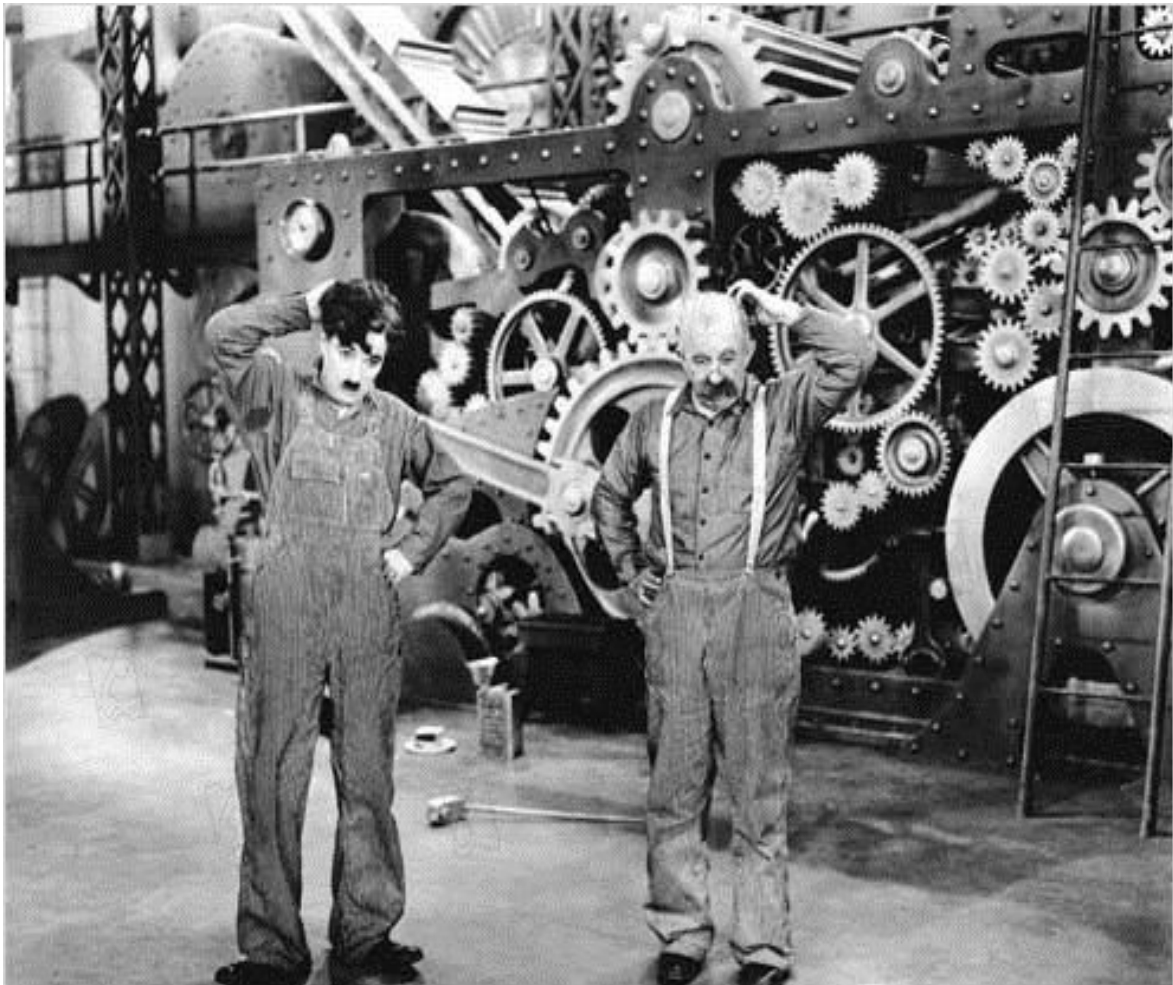
em golpes fatais

A Construção do Brasil

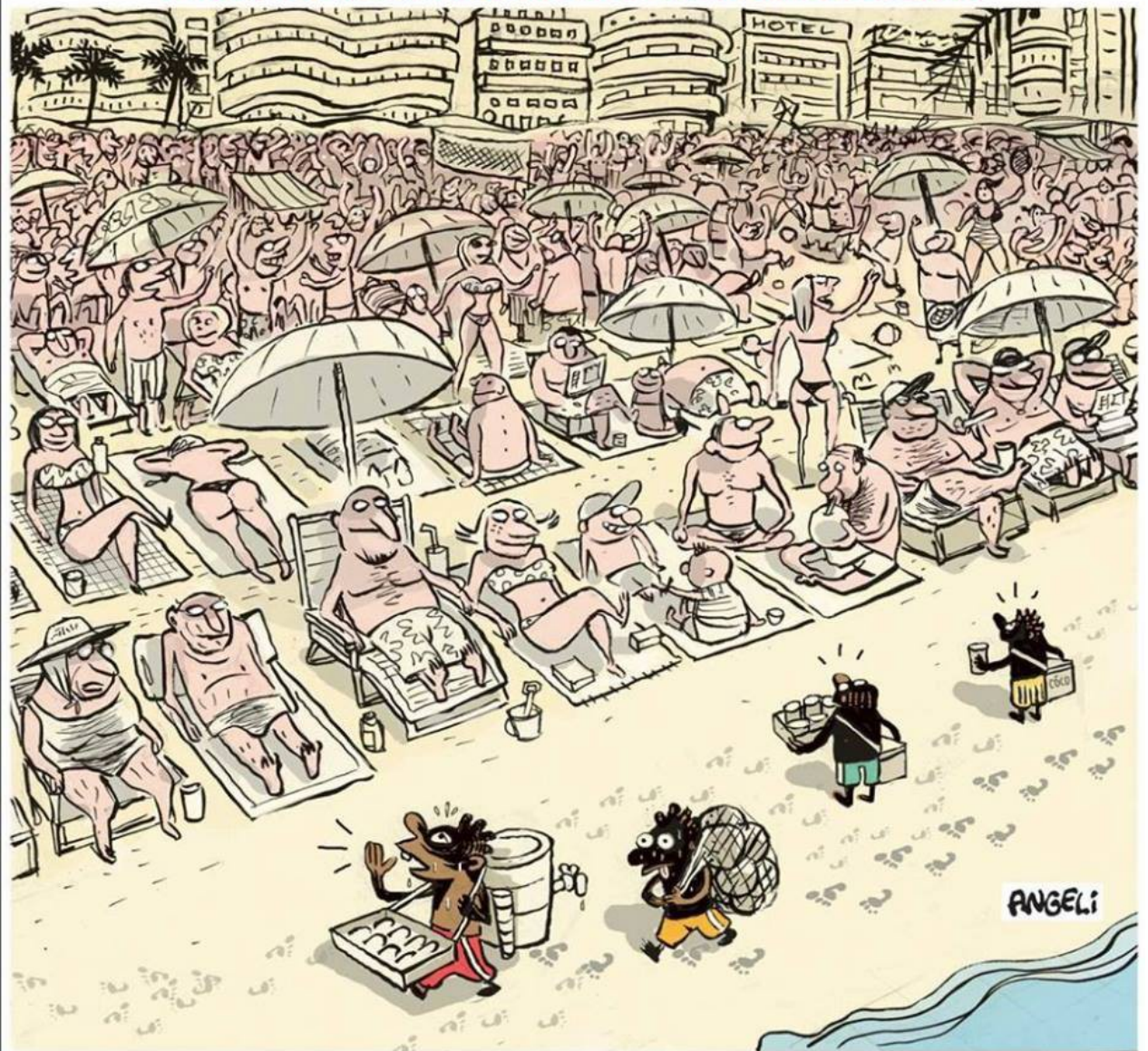


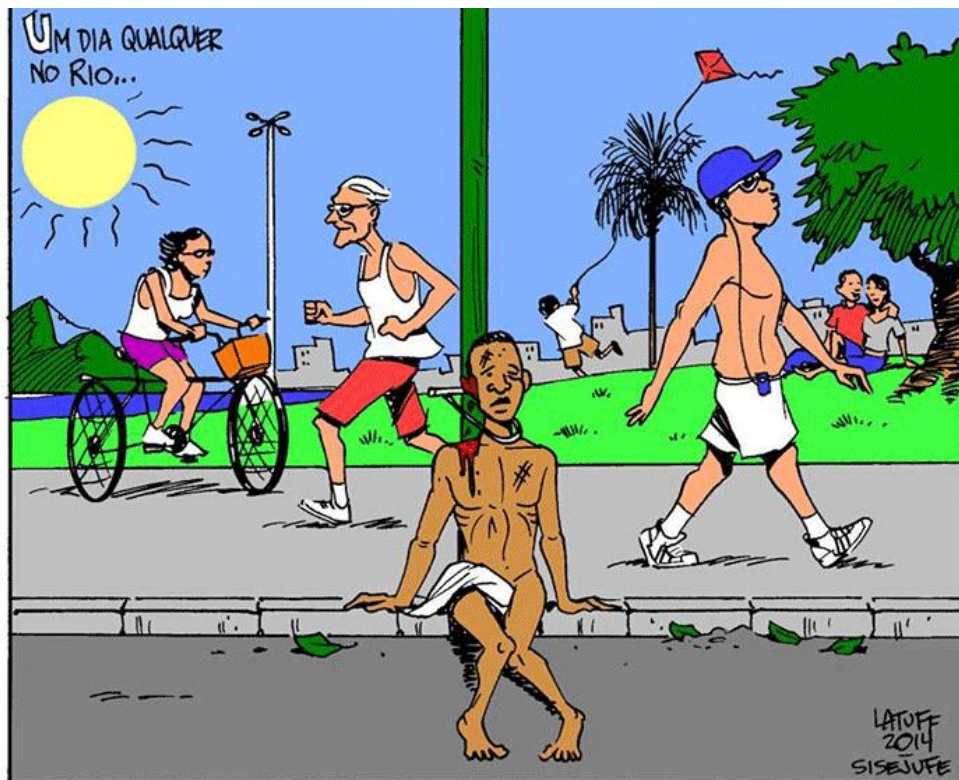


O que mudou?



FERIADO: DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA





O Brasil de hoje



**TRABALHO
ESCRAVO:**

Pensei que este tempo
houvesse passado...

‘Seis fundamentos para melhorar sua matemática’

- 1. Agregar Valor a si mesmo;**
- 2. Aja com honestidade na vida
pessoal e Profissional;**
- 3. Invista nas Relações;**

4. **Comunique-se bem em todas
as Direções**

5. **Saiba como mostrar
resultados;**

6. **Amplie sua perspectiva de
vida.**



**A CLASSE
DOMINANTE
NUNCA SERÁ
CAPAZ DE
RESOLVER A
CRISE. ELA
É A CRISE!”**

ROB RIEMEN
FILÓSOFO E ESCRITOR HOLANDÊS

Dos costumes

Somos capazes de nos comportar de modo civilizado, quando subtraímos, medos e percepções, de tal modo que isso, antes de tudo, signifique respeito para com o outro.

Volnyr Santos.